

Quando converso com os alunos ou com os leitores sobre instrumentos fundamentais para o escritor, menciono sempre os dicionários de língua.

Sei que alguns dos meus colegas de ofício dificilmente admitirão que os consultam, e nós podemos acreditar neles. Pela minha parte, acho-os indispensáveis e sou viciada em todos, desde os recursos disponíveis online até aos pesados volumes do Houaiss ou do dicionário da Academia das Ciências.

Porém, quando escrevo em casa, no meu pequeno mundo, a experiência de procurar palavras atinge outro grau de sofisticação, porque tenho à minha disposição dois dicionários de SINÓNIMOS antigos e deliciosos, o Dicionário de Sinónimos da Língua Portuguesa (1940) de Manuel José Pereira, herança do Paulo e que eu praticamente anexe à minha mesa de trabalho, e o Dicionario de Synonymos (1899) de Henrique Brunswick, que pertenceu a uma prima do meu avô, depois ao meu avô e agora é meu.

Está comprovado que o vocabulário médio de um falante do português diminuiu drasticamente ao longo das últimas décadas. Temos cerca de 110 000 palavras dicionarizadas, sem falar nas locuções, e o português básico está reduzido a menos de 1000 vocábulos. E quase todos reconhecemos que isso é mau, embora nem sempre saibamos explicar porquê (provavelmente, faltam-nos as palavras). Pela minha parte, gosto de me expressar com palavras certas e variadas, nas aulas, na escrita, no quotidiano.

Não se trata de carregar o discurso com termos difíceis, trata-se de (re)descobrir e tentar semear ao meu redor o prazer de encontrar a palavra certa, a palavra que ressoa e vibra o mais possível os sentidos que desejo exprimir. É suposto os escritores gostarem muito destas coisas.

Dos dois dicionários antigos que indiquei, prefiro o Dicionario de Synonymos, talvez porque o autor, em vez de simplesmente apresentar os vários termos integrados num contexto frásico, como sucede neste tipo de dicionários, tece saborosíssimas considerações acerca das (por vezes ínfimas) nuances de sentido que os separam.

No momento em que discorro com os estudantes ou com os leitores sobre ferramentas indispensáveis para o autor, cito a todo momento os glossários de idioma.

Creio que poucos dos meus companheiros de profissão dificilmente dirão que os sondam, e nós conseguimos crer neles. Pelo meu lado, julgo-os imprescindíveis e sou dependente de todos, desde os meios acessíveis online até às grossas edições do Houaiss ou do glossário da Academia das Ciências.

Porém, **na hora que redijo no lar, no meu humilde Universo, a tentativa de buscar vocábulos alcança outro estado de elegância, porque possuo ao meu dispor dois glossários de EXPRESSÕES COM SENTIDO APROXIMADO velhos e deleitosos, o Dicionário de Sinónimos da Língua Portuguesa (1940) de Manuel José Pereira, legado do Paulo e que eu quase incorporei à minha bancada de produção, e o Dicionario de Synonymos (1899) de Henrique Brunswick, que concernia a uma parente do meu antepassado, depois ao meu antepassado e hoje é meu.**

É certo que o glossário mediano de um tagarela do lusitano foi reduzido violentamente no decorrer das últimas dezenas de anos. Possuímos quase 110 000 de vocábulos catalogados, sem mencionar as expressões, e o lusitano simples acha-se resumido a menos de 1000 palavras. E praticamente todos admitimos que isso é ruim, apesar de nem sempre conseguirmos esclarecer a causa (possivelmente, carecem-nos os vocábulos). Pelo meu lado, adoro manifestar-me com vocábulos certos e diversos, nas leccionações, na escrevedura, no dia-a-dia.

Não significa encher a elocução com palavras complicadas, significa desvendar e procurar plantar à minha volta a satisfação de achar o termo correcto, o vocábulo que repercute e branda o mais provável os aspetos que anseio expressar. É presumível os autores apreciarem muito desses assuntos.

Dos dois glossários velhos que verifiquei, **opto pelo Dicionario de Synonymos, provavelmente porque o escritor, ao invés de apenas mostrar os diversos vocábulos incorporados num assunto frasal, como ocorre neste género de glossário, cria deliciosas reflexões a respeito das (por vezes escassas) sutilizas de significado que os desassociam.**

Por exemplo. Explica que TEMER» e RECEAR são SINÓNIMOS, mas temer é crer na probabilidade de um mal qualquer, ao passo que recear é acreditar na possibilidade de um mal, sem que tenhamos grandes fundamentos para o nosso receio. Que o impalpável é absolutamente ténue, mas o intangível é absolutamente imaterial. Que o bonito é sempre alegre, ao passo que o lindo pode ser severo.

Que um homem elegante, imagine-se, é bem diferente de um homem garboso, pois «A elegancia está no aspecto exterior, no modelado da figura, no bem feito do talhe e no gosto no vestir. O garbo consiste mais na virilidade aparente do porte e nas qualidades varonis e pundonorosas do individuo.» Enfim, já estão a imaginar. Sei que gostariam que continuasse e que vos explicasse, por exemplo, as diferenças entre alcouce, lupanar, prostíbulo e bordel, mas vou ser maligna (não malvada, nem perversa, note-se) e vou ficar por aqui.

Um último exemplo. Brunswick distingue grosseria de descortesia, explicando que a primeira provém da falta de educação e que a segunda é a falta deliberada de consideração em relação a alguém. E abalança-se a comentar: «A grosseria pode ser desculpável; a descortesia não.» Confesso que achei a distinção magnífica, e assim a ponho à vossa disposição, para quando quiserem rotular convenientemente certas atitudes à vossa volta.

Por exemplo. **Esclarece** que **ARRECEAR»** e **AFLIGIR-SE** são **EXPRESSÕES COM SENTIDO APROXIMADO**, mas arrecear é acreditar na possibilidade de uma maldição qualquer, ao passo que afligir-se é crer na possibilidade de uma maldição, sem que tenhamos amplos argumentos para a nossa aflição. Que o imaterial é absolutamente fugaz, mas o etéreo é absolutamente incorpóreo. Que o belo é sempre jovial, ao passo que o caprichado pode ser cruel.

Que um **ser humano requintado, conclui-se**, é bem **divergente** de um **ser humano galante**, pois «**O requinte** está na **aparência de fora, na forma do corpo**, no bem feito do corte e no **critério no trajar**. O **galante compõe-se** mais na **masculinidade** aparente da **aparência** e nas **virtudes másculas e honradas da pessoa**.» Enfim, já estão a entender. Sei que **apreciaríamos** que **prosseguisse** e que vos **esclarecesse**, por exemplo, as **divergências** entre **lupanar, prostíbulo, bordel** e **alcouce**, mas vou ser **sinistra** (não **má**, nem **cruel, percebe-se**) e vou ficar por aqui.

Um último exemplo. Brunswick **diferencia ignorância** de **impolidez, demonstrando** que a **prima se origina** da **ausência de conhecimento** e que a **outra** é a **ausência escolhida de apreço quanto a uma pessoa**. E **arrisca-se** a **dizer**: «A **ignorância** pode ser **perdoável**; a **impolidez** não.» **Admito** que **julguei a diferenciação brilhante**, e assim a ponho ao **seu dispor**, para quando **desejarem classificar oportunamente diversos comportamentos** ao **seu redor**.